

VOZES DA SUBALTERNIDADE: MULHERES NO MUNDO DO TRABALHO DOMÉSTICO INFORMAL

Ana Carla De Oliveira (carlapaula29@hotmail.com)

Leandro Baller (LBaller@ufgd.edu.br)

O presente trabalho tem o objetivo de socializar os resultados de uma pesquisa historiográfica sobre mulheres que trabalham ou já trabalharam informalmente como domésticas ou diaristas em Dourados, MS entre 1980 e 2018. A pesquisa está inserida dentro da perspectiva da história do tempo presente. Os estudos historiográficos sobre a própria temporalidade em que vivemos e estamos inseridos faz-se necessário diante de tantos problemas e inquietações contemporâneas e como Boaventura de Sousa Santos destaca, o presente deve ser enxergado como embriões que podem ser decisivos no futuro (SOUSA SANTOS, 2006). Diante disso nossa perspectiva também está voltada para a compreensão da realidade dessas personagens históricas levando em consideração o pensamento pós-colonial e pós-moderno, sendo a pós-modernidade como Durval Muniz de Albuquerque Júnior destaca, a nossa condição histórica atual. Cabe ressaltar que a discussão aqui proposta não implica questões sobre gênero, mas sim sobre os “mundos do trabalho”. Buscamos a partir de literaturas específicas como a de Boaventura de Sousa Santos e outros intelectuais que discutem as teorias pós-coloniais, compreender os conflitos existentes na organização do trabalho informal exercidos por essas mulheres subalternizadas por condicionamentos sociais assim como os conflitos que derivam dessas relações que se dão no âmbito da informalidade. A temática da mulher no mundo do trabalho doméstico informal aproximou um diálogo entre literaturas pós-coloniais, como por exemplo, as epistemologias do sul criadas por Boaventura de Sousa Santos por meio das quais pudemos visualizar melhor as ações e relações dessas mulheres no interior da análise, e as fontes oferecidas pela história oral (entrevistas) que foi a metodologia adotada na pesquisa. Percebemos que o trabalho doméstico informal apresenta um sistema de relações muito específico no qual a subjetividade ocupa a centralidade. Compreendemos diante disso que as relações informais extrapolam os limites contratuais. A possibilidade de remodelação das relações principalmente no tocante das negociações de responsabilidade responde de forma positiva à realidade da “mulher polivalente”, uma construção da contemporaneidade. As narrativas orais dessas atrizes sociais nos permitem também afirmar que podemos aprender com o Sul, com as experiências e com os agentes históricos marcados pela subalternidade.

Agradecimentos: A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pela concessão de bolsa.